

# RE-CONHECENDO ARMAUER HANSEN: O CIENTISTA DA LEPROSA E O PERSONAGEM HISTÓRICO<sup>1</sup>

Reinaldo Guilherme Bechler<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo pretende lançar luz a questões históricas e pessoais da vida de um importante personagem científico da virada dos séculos XIX e XX. Ao dedicar quase toda sua existência ao estudo de uma enfermidade tão singular e estigmatizada como a lepra, o médico norueguês Armauer Hansen alcançou resultados bastante positivos, a ponto de fazer com que a doença ganhasse seu próprio nome em alguns países. Dotado de uma singular capacidade retórica e de uma personalidade forte, Hansen viveu em um dos períodos científicos mais profícuos da contemporaneidade e teve vários desafios ao longo de sua vida acadêmica, alguns dos quais serão aqui apresentados a partir de fontes primárias e mesmo de anotações pessoais, além de sua auto-biografia, publicada na década de 1970. “Re-conhecer” Armauer Hansen significa neste trabalho oferecer ao leitor a oportunidade de se deparar com aspectos pessoais, políticos e científicos até então pouco conhecidos de sua trajetória, no intuito não de criticá-lo ou vangloriá-lo, mas tão somente situá-lo enquanto personagem histórico singular, humano e falível, instigando novos questionamentos por parte da historiografia da ciência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Armauer Hansen; história das doenças; história da lepra.

**ABSTRACT:** The present article intends to launch light to the historical and personal questions of the life of an important scientific personage of the turn of centuries XIX and XX. When dedicating almost all its existence to the study of a so singular disease as the leprosy, the Norwegian doctor Armauer Hansen reached resulted sufficiently positive, to the point to make with that the illness gained its proper name in some countries. Endowed with a singular rhetorical capacity and a strong personality, Hansen lived in a very turbulent scientific period and had some challenges throughout its academic life, some of which here will be presented from primary sources

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte do Projeto de Pós-Doutorado que desenvolve atualmente através de bolsa de estudos da FAPEMIG, junto ao grupo SCIENTIA (Departamento de História-UFMG).

<sup>2</sup> UFMG.

and same of personal notations, beyond its auto-biography, published in the decade of 1970. “To recognize” Armauer Hansen it means in this work to offer to the reader the chance of if coming across with personal aspects, scientific politicians and until then little known of its trajectory, in intention not to criticize it or to deify it, but to so only point out it while singular, human and fallible personage historical, instigating new questionings for the historiography of science.

**KEYWORDS:** Armauer Hansen; history of disease; history of leprosy.

Aos vinte e nove dias do mês de julho de 1841 vinha ao mundo, na cidade de Bergen, Gerhard Henrick Armauer Hansen. Último filho de pais aristocráticos e muito bem-relacionados na sociedade da época, Hansen tinha ao todo mais nove irmãos e, talvez por ser o mais novo, gozava da predileção completa de toda a família. Teve, enfim, como ele mesmo descreve: “um lar feliz. Nós tínhamos total liberdade pra sair e brincar depois de terminar a lição de casa”<sup>3</sup>.

Aluno aplicado e talentoso, Hansen teve logo nos primeiros anos escolares sua competência técnica reconhecida, especialmente no estudo das ciências naturais. Se auto-descrevendo como um estudante inquieto e observador, Hansen nunca desenvolveu uma relação pessoal muito profunda com seus professores e colegas. Sua educação, além disso, teve muita influência de seus irmãos mais velhos, que o iniciaram no estudo das artes e da música, por exemplo, e também foi bastante vinculada a atividades religiosas na Igreja católica de sua comunidade, as quais desempenhavam com interesse e assiduidade. Várias são as histórias narradas em sua autobiografia, sobre a relevância dessas atividades, e da religião em si, em sua infância, que eram amplamente incentivadas por seus pais e irmãos. A turbulenta conjuntura social e política vivida por seu país atingiu-o de maneira mais intensa em sua juventude, dando margem ao surgimento do médico socialmente engajado Armauer Hansen.

---

<sup>3</sup> HANSEN, Armauer. *The Memories and Reflections of Dr. G. Armauer Hansen*. Würzburg: German Leprosy Relief Association, 1976, p. 30.

## CONTEXTO DE ATUAÇÃO: POLÍTICA E CIÊNCIA CONTRA A LEPROSA

O século XIX assistiria ao retorno endêmico da lepra ao continente europeu, depois de a enfermidade ser considerada como extinta desde o final do século XVII<sup>4</sup>, causando profundo temor social e instigando o instinto científico da época. Num âmbito mais amplo, várias outras enfermidades passaram a ser objeto de estudo sistemático nesse mesmo período histórico, fruto dos estudos de uma recém-formada classe de médicos chamada de *Bacteriologistas*. Através de seus estudos ficou comprovado serem as bactérias causadoras de uma série de enfermidades como, tuberculose, cólera, dentre outras, que agora podiam ser mais bem compreendidas. Essa *revolução microbiana*<sup>5</sup> modificou comportamentos médicos, ampliou horizontes investigativos e teve consequências importantes no estudo específico da lepra. A doença se transformou em um verdadeiro desafio para esses cientistas, uma vez que o nível de conhecimentos acerca do seu agente causador era notadamente menos desenvolvido do que o de outras enfermidades<sup>6</sup>.

Como se não bastasse essas dificuldades no âmbito científico, a lepra também representava um sério problema político no século XIX. O fenômeno que o historiador britânico Eric Hobsbawm chamou de *A era dos impérios*<sup>7</sup>, oferece subsídios para que se interprete esse momento científico do estudo leproológico como momento imperial, ou colonial da lepra. As principais nações européias se preocupavam sobremaneira com a expansão comercial e econômica de suas divisas ao longo do século XIX, e coincidentemente em quase todas as regiões que foram objeto desse Imperialismo, a lepra era um sério problema endêmico<sup>8</sup>.

No caso específico da Noruega aqui estudado, a lepra representava nesse momento não um problema de política internacional, mas sim um grave problema interno de saúde-pública. Oficialmente, a independência da Noruega perante o reinado sueco foi declarada em 1814, embora até o ano

<sup>4</sup> Sobre isso ver: HANSEN, Armauer; LIE, H. P. Die Geschichte der Lepra in Norwegen. INTERNATIONALE LEPRO-CONFERENCE, 2., Bergen, 1909. p. 314-340.

<sup>5</sup> CUNNINGHAM, Andrew; WILLIAMS, Perry. *The Laboratory Revolution in Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 209.

<sup>6</sup> Ver especialmente: OBREGÓN-TORRES, Diana. *Batallas contra la lepra: Estado ciencia y medicina en Colombia*. Medellín: Banco de la República, Fondo Editorial Universidad EAFIT, 2002.

<sup>7</sup> HOBSBAWN, Eric. *A era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

<sup>8</sup> Um detalhado estudo colonial da lepra nesse período é feito por: EDMOND, Rod. *Leprosy and Empire – A Medical and Cultural History*. New York: Cambridge University Press, 2006.

de 1905 o país tenha se mantido relativamente vinculado politicamente à Suécia<sup>9</sup>. De todas as maneiras, o século XIX marcou uma série de transformações sociais no país. Segundo Michael Drake, que analisou este período da história norueguesa em um importante trabalho sociológico, os camponeses foram reconhecidos e valorizados como cidadãos genuinamente noruegueses, processo que terminou por gerar uma reorganização política do país em novos e poderosos governos locais e autônomos<sup>10</sup>. Além disso, houve uma preocupação por parte dos meios de comunicação e dos setores mais elevados da sociedade, em tornar conhecidas as duras e difíceis condições sociais da população rural.

Consequentemente, as condições sanitárias e de saúde pública foram alvos de preocupação vital a partir desse momento. Doenças como a lepra, a sífilis, a tuberculose e a sarna estavam entre as principais enfermidades a serem combatidas por essa nova *ciência nacional*<sup>11</sup>, que não deveria ter outra tarefa senão a de se preocupar com o bem-estar de seus conterrâneos. Alguns historiadores como Zachary Gussow chamam à atenção para esse sentimento nacionalista norueguês e sua relevância no desenvolvimento de ações políticas contra a lepra já a partir das primeiras décadas do século XIX: “A história da lepra na Noruega no século XIX é parte da história do nacionalismo norueguês”<sup>12</sup>. Por todo o estigma que carregava e pelo risco epidemiológico que representava não apenas para o país, mas para todo o continente europeu, a lepra assumia a linha de frente nas preocupações das autoridades norueguesas. A erradicação da lepra passava a representar, enfim, uma obsessão no país.

Em termos práticos, o governo deste país foi o primeiro a reconhecer a lepra como um problema estatal, desvinculando-a de ações caritativas, notadamente associadas a matizes religiosos, como ocorrido especialmente na época medieval. Assim, uma série de medidas de saúde-pública foram implementadas no intuito de combater a enfermidade a partir da década de 1830.

---

<sup>9</sup> Para mais detalhes sobre este momento histórico norueguês, ver especialmente: STERNERSEN, Oivind; LIBAEK, Ivar. *The history of Norway: From the Ice Age to today*. Lysaker: Dinamo Forlag, 2003.

<sup>10</sup> DRAKE, Michael. *Population and Society in Norway 1735-1885*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

<sup>11</sup> O termo foi utilizado por Lorenz Irgens para descrever o sentimento nacionalista presente na ciência norueguesa do período. Ver: IRGENS, Lorenz. Hansen, 150 Years after his Birth., the Context of a Medical Discovery. *International Journal of Leprosy*, 60 (3): p. 466-69, 1992.

<sup>12</sup> GUSSOW, Zachary. *Leprosy, Racism and Public Health: Social Policy in Chronic Disease Control*. Boulder: Westview Press, 1989, p. 69. Tradução minha.

Influenciado por esse sentimento nacionalista anteriormente mencionado, o governo norueguês investiu na formação de uma classe de cientistas capazes de desenvolver soluções para o cada vez mais preocupante problema da lepra. Após fazer um mapeamento da enfermidade no país, tornou-se necessário encontrar um cientista que personificasse essas novas posturas do governo, e assumisse a liderança técnica dos estudos sobre a doença. Este profissional, Daniel Cornelius Danielsen, surge em 1839.

Como médico-chefe do Hospital St. Jörgens, transformado com as medidas em um leprosário estatal, Danielsen recebe dois meses depois a companhia profissional de Carl Boeck, e a incumbência oficial por parte do governo de desenvolver com ele o plano de erradicação da lepra no país. Estabeleceu-se que Danielsen desenvolveria suas pesquisas no Hospital St. Jörgens, em Bergen, enquanto Boeck seria incumbido de viajar por vários centros científicos do mundo naquele período, com o objetivo de se atualizar com as técnicas mais avançadas no que tange ao combate à lepra.

Fruto desse esforço inicial, os dois médicos publicariam no ano de 1847, o que é até os dias atuais considerado como o primeiro trabalho científico moderno sobre a lepra, chamado *Om Spedalskebed*<sup>13</sup>. Em termos práticos este trabalho foi o primeiro a fazer uma descrição técnica de uma célula leprosa, graças ao considerável desenvolvimento técnico dos microscópios à época, o que representou uma verdadeira revolução nos estudos da enfermidade. Danielsen e Boeck reconheceram nessa célula o que chamaram de “*Brown elements*”, dando início ao estudo da lepra segundo os preceitos bacteriológicos caros a esse período histórico. Conclusivamente, os autores consideravam a lepra como uma enfermidade hereditária, e reconheceram explicitamente a incipiência e o caráter vanguardista de seu trabalho, não chegando assim a definições claras quanto às possíveis soluções sociais práticas contra o problema. Mesmo assim, a obra de Danielsen e Boeck ganha relativa ressonância acadêmica, dando ao governo norueguês a certeza de estar caminhando no rumo certo. Deflagra-se, a partir de então, por conseguinte, uma corrida científica pelo desenvolvimento de conhecimentos técnicos sobre a lepra, especialmente com relação à sua etiologia.

Apesar de todo seu esforço e empenho por vários anos, Daniel Cornelius Danielsen não conseguia avançar nesse estudo clínico da doença, e consequentemente, não conseguia provar que a lepra era realmente hereditária,

<sup>13</sup> Para este trabalho consultei a versão francesa, publicada um ano depois. DANIELSEN, Daniel C. & BOECK, Carl. *Traité de la Spedalskebed ou Elephantiasis des Grecs*. Paris: J. B. Ballière, 1848.

como acreditava. Esse processo sofreria importantes modificações quando, no ano de 1868, Danielsen contrata um jovem estudante de medicina para ser seu assistente, de nome Gerhard Henrik Armauer Hansen.

Iniciava-se assim uma relação pessoal bastante próxima. Rapidamente Hansen torna-se figura comum na residência dos Danielsen, e acaba se casando com Stephanie Marie, filha de seu chefe. O casamento, entretanto, teria um fim trágico, com o falecimento de Stephanie Danielsen nove meses mais tarde, em função de uma infecção tuberculosa. O ocorrido serviu para aumentar o elo de amizade entre os dois cientistas, além de tornar Hansen um obcecado por seu trabalho científico, capaz de fornecer-lhe respostas práticas para seu sofrimento pessoal. Se considerando antes do acontecido “uma pessoa muito religiosa”<sup>14</sup>, Hansen descreve este período de sua vida com muita tristeza, o que acabou também abalando suas convicções religiosas<sup>15</sup>.

Hansen se apresentava para o trabalho com Danielsen com o respaldo de uma excelente formação universitária ainda em curso<sup>16</sup>, e recebia de bom-grado a incumbência de atualizar os conhecimentos científicos noruegueses sobre a doença. Possivelmente motivado pelos mencionados acontecimentos particulares, Hansen pede à Danielsen, como sua primeira tarefa, a oportunidade de viajar pelo país para coordenar a tarefa de cadastramento dos doentes, que já vinha sendo desenvolvida desde o final da década de 1850<sup>17</sup>. Nesse período Hansen passou a tomar contato com a doença na sua forma mais crua e dura, visitando lares de camponeses pelo interior do país.

A situação sanitária e mesmo de vida de seus conterrâneos o assustou profundamente: “Eu sofri terrivelmente. Nunca pensei em presenciar tanta miséria concentrada em um lugar”<sup>18</sup>. A promiscuidade, a falta de cuidados mínimos com higiene e salubridade era realmente grande, sendo uma porta

---

<sup>14</sup> HANSEN, Armauer. *Op. cit.*, 1976.

<sup>15</sup> Dois anos mais tarde Hansen se casou novamente. Com sua segunda esposa teve um filho de nome Daniel Cornelius Armauer Hansen, que anos mais tarde também se tornaria leprologista.

<sup>16</sup> LARSEN, Oivind. Gerhard Henrik Armauer Hansen Seen Through His Own Eyes – A Review of His Memories. *International Journal of Leprosy*, v. 41, n. 2, 1973.

<sup>17</sup> Essa empresa teve como principal resultado um completo censo da doença no país, publicado em 1876. Mais detalhes sobre o assunto, ver: BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Leprabekämpfung und Zwangsisolierung im ausgehenden 19. und frühen 20. Jahrhundert: wissenschaftliche Diskussion und institutionelle Praxis*. Tese (Doutorado) - Philosophischen Fakultät der Julius-Maximilians-Universität Würzburg, Würzburg, 2010. Disponível em: <<http://www.opus-bayern.de/uni-wuerzburg/volltexte/2010/4537/pdf/Bechlerdoktorarbeit.pdf>>.

<sup>18</sup> HANSEN, Armauer. *Op. cit.*, 1976, p. 70. Tradução minha.

aberta para várias enfermidades<sup>19</sup>. Mas talvez mais do que assustado com a forma como essas pessoas viviam, Hansen ficou intrigado com a maneira com que elas reagiam à sua condição de “doentes em potencial”, especialmente no que tange à lepra. Essa doença era compreendida claramente como uma imposição divina, contra a qual não cabiam quaisquer questionamentos. Dessa maneira o ex-genro de Danielsen compreendeu na prática o que significava a idéia da hereditariedade da lepra, e passou imediatamente a questioná-la, ainda que lhe faltassem os mecanismos técnicos para isso.

Com base na leitura de sua autobiografia, chego à conclusão de que o que mais o incomodava seria o fato de ele também ser uma pessoa religiosa, e, de certa maneira, se cobrar uma atitude como a dos camponeses, de aceitar a vontade de Deus. Seu nascente interesse em buscar uma explicação humana e científica para o problema colocava definitivamente em cheque suas convicções religiosas. Desta feita, a observação do modo que os camponeses de seu país viviam o fez supor, com relativa convicção, que as precárias condições sanitárias e os hábitos promíscuos experimentados por essas pessoas – por exemplo, o de várias pessoas dividirem a mesma cama – poderiam causar uma série de doenças, dentre elas a lepra.

Cumprida sua primeira tarefa, Hansen regressa à Bergen em 1869, e poucos meses depois se forma médico na universidade desta cidade. Seu trabalho de conclusão de curso foi objeto de diversas honrarias acadêmicas no país e, como consequência, ganha uma bolsa de estudos do governo norueguês para estudar de maneira detida e científica a doença no exterior. Tal atitude por parte do governo se justificava pela esperança em formar um sucessor de Danielsen; um cientista que fosse capaz não apenas de continuar desenvolvendo um estudo sistemático e eficiente sobre a lepra, como também que continuasse mantendo a supremacia e a vanguarda do país no estudo científico da enfermidade.

Com esse intuito Hansen chega, em agosto de 1870, em Bonn, na Alemanha, para trabalhar como pesquisador visitante no *Max Schultz Institut*, que era à época um dos principais centros de estudos em bacteriologia do mundo. Sua permanência na cidade alemã se deu no momento do início do conflito entre Alemanha e França conhecido como Guerra Franco-Prussiana, objeto de interessantes reflexões por Hansen. A conjuntura e a atmosfera social de um conflito militar de tamanha proporção fez com que ele tomasse a decisão de se mudar da cidade, por não conseguir a devida concentração em

---

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 105.

seu trabalho: “Naturalmente não foi possível me manter por muito tempo concentrado no trabalho. Até mesmo para mim, um estrangeiro, foi difícil sentar-se calmamente a frente de um microscópio sob tais circunstâncias”<sup>20</sup>.

Ainda em 1870 se muda para Viena. Na capital austríaca Hansen conheceu pessoalmente uma série de personalidades artísticas e científicas de seu tempo, e absorveu inovadoras concepções filosóficas e um ritmo de vida boêmio narrado de maneira sucinta em sua autobiografia. Exatamente nesse período Hansen teria contato com o pensamento de Charles Darwin, que transformaria sua vida para sempre.

Foi em Viena, também, onde aconteceu um dos acontecimentos mais importantes de minha vida. Tudo começou de uma forma bastante comum, com o meu caminhar em uma livraria, mas quando me deparei com uma cópia de “Natural Evolution” o destino estava em meu cotovelo. O próprio título contestava tudo que tinha sido e ensinado sobre a criação. Fui pra casa fascinado pela minha compra, lendo o livro em dois dias no esquecimento completo do meu laboratório.

Nunca havia lido nada parecido. O mundo inteiro se mostrou com uma luz inteiramente diferente daquela que eu conhecia. Tudo o que eu havia ensinado como uma criança caiu como algo irreal.<sup>21</sup>

Penso não ser exagerado dizer que a concepção de ciência e mesmo de vida trazida por Hansen é bastante influenciada pelo pensamento darwiniano, especialmente no que tange a idéia de que não poderia haver em última análise outro responsável pela condição de vida humana do que o próprio homem. A partir de então, Hansen finalmente conseguiria encontrar a resposta para a sua inquietação, nascida da aceitação de seus conterrâneos à “vontade de Deus”, e conseqüentemente à condição de doente. “Minhas inquietações científicas já haviam me preparado espiritualmente para absorver o choque mental daqueles dois dias”<sup>22</sup>. Sua conjectura de que a lepra era uma enfermidade transmissível, enfim, ganhava importantes sustentáculos científicos.

Além de sua concepção de ciência, a obra de Darwin também traria profundas transformações à sua vida pessoal e religiosa. Imediatamente após

---

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 77.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 83. Tradução minha.

<sup>22</sup> *Ibid.* Tradução minha.

ler o referido livro, Hansen torna-se ateu. Para ele não era mais concebível a idéia de uma pessoa fazer ciência e ser religioso. Fazer ciência, segundo sua concepção, seria tentar descobrir com mecanismos humanos, a realidade humana que, por sua vez não mais poderia ser apenas atribuída a Deus.

Deixe-me primeiro discutir ainda outro ponto importante aqui. É o seguinte: pessoas, em sua ânsia por respostas sobre o enigma da vida – ainda tão pouco conhecido – imaginam ter chegado a uma solução pela via da criação de um Deus do qual tudo brota e que é realmente Todo-Poderoso. Eles ignoram que este Deus também exige uma origem. Fugir a esta demanda, apenas fazendo-o onipotente e eterno é simplesmente uma admissão de ignorância.<sup>23</sup>

Hansen ainda permaneceria algum tempo na capital austríaca, retornando à Bergen no final de 1871 e reassumindo o cargo de assistente de Danielsen. Na bagagem trazia consigo a responsabilidade de fazer germinar essas idéias revolucionárias em sua sociedade. Contudo, via-se agora em uma incômoda situação. Seria necessário, a partir de então, assumir definitivamente uma postura científica antagônica a de seu mentor e ex-sogro, que por sua vez, era na época o principal partidário da tese da hereditariedade da lepra.

Ainda que estivesse cada vez mais convencido de que a lepra era uma enfermidade transmissível, Hansen sabia também que lhe faltavam os mecanismos técnicos para comprovar tal teoria. Enquanto faltassem esses meios, ele sabia que estaria fadado trabalhar e a existir “à margem” do processo científico.

Tal situação começa a se modificar quando Hansen publica três anos mais tarde, no ano de 1874, um trabalho na principal revista científica norueguesa<sup>24</sup>, resultado das pesquisas realizadas desde seu regresso de Viena. Nesse trabalho, ele faz uma análise microscópica de uma célula que continha material leproso, e observa que existiam microorganismos que chamou de parecidos a “bastões”, o que para ele seria pelo menos um indício de que este poderia ser o agente etiológico da lepra. Em última análise, Hansen observou um microorganismo existente em uma célula leprosa, o que Danielsen

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 86. Tradução minha.

<sup>24</sup> HANSEN, Gerhard H. Armauer. Undersogelser angaande Spedalskhedens Aarsager. Norsk Magazin for Laegevidenskaben, 1874, 9 (4): 1-88. Reprinted as Causes of Leprosy, *International Journal of Leprosy*, 1955, 23 (3): 307-9.

também já havia feito 26 anos antes, o chamando de “Brown elements”. Partindo apenas dessa observação supôs ser esse microorganismo o agente etiológico da enfermidade, o que comprovaria sua tese da transmissibilidade. Hansen tinha consciência de que não havia mecanismos científicos à época capazes de comprovar sua conjectura, mas mesmo assim, resolve publicar essas observações, numa atitude que considero aqui como demonstrando uma preocupação em demarcar seu espaço no contexto científico do período. Vários autores concordam com a opinião de que esse trabalho foi veementemente criticado pelos cientistas partidários da tese da hereditariedade, inclusive Danielsen<sup>25</sup>. Essa resposta negativa às suas idéias seria um golpe importante nas idéias de Hansen, que àquela altura já se posicionava de maneira mais explícita contra Danielsen, afastando-se de sua influência pessoal e ideológica. A partir deste momento Hansen passaria a se dedicar ainda mais a provar sua tese da transmissibilidade da lepra, e assumir de vez a hegemonia científica do assunto.

## O “DESCOBRIMENTO” DO *MYCOBACTERIUM LEPRAE*

Em termos sociológicos, a discussão sobre o processo de desenvolvimento de “descobertas” científicas vem sendo tema bastante profícuo. Um desses esforços que atingiu relativo sucesso em trabalhos latino-americanos sobre o tema nas últimas décadas foi o de Bruno Latour. Para esse autor, a certificação do conhecimento científico depende de uma série de procedimentos e estratégias por parte dos cientistas para convencerem outros indivíduos e grupos a aceitarem – e utilizarem – as afirmações e objetos por ele produzidos<sup>26</sup>. Para analisar a ciência em ação, ou seja, os processos efetivos pelos quais se estabilizam os fatos científicos, é preciso, diz Latour, “seguir os cientistas sociedade afora” e examinar os recursos de que estes lançam mão para “mobilizar o mundo” e produzir concretamente, em circunstâncias específicas, o consenso necessário à produção desses paradigmas. No estudo etnográfico de laboratório que desenvolveu com Steve Woolgar, Latour analisou pormenorizadamente os mecanismos e estratégias persua-

---

<sup>25</sup> OBREGÓN TORRES, Diana. *Op. cit.*, 2002, p. 128; YOSHIE, Yoshio. Advances in the microbiology of *M. Leprae* in the past century. In: *International Journal of Leprosy*, v. 41, n. 3, p. 361-371, 1973; BECHELLI, L. M. Advances in leprosy control in the last 100 Years. In: *International Journal of Leprosy*, v. 41, n. 3, p. 285-297, 1973.

<sup>26</sup> LATOUR, Bruno. *Ciência em ação* – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Unesp, 1998.

sivas pelos quais os enunciados científicos são formulados e negociados nos espaços particulares do mundo da ciência, como a literatura científica e os instrumentos próprios aos laboratórios<sup>27</sup>. Esta é uma dimensão essencial do itinerário em direção à estabilização dos fatos da ciência.

Augustine Brannigan também discute, com louvável fôlego, os meandros sociais que influenciam e geram esses “descobrimentos”<sup>28</sup> na ciência. Alinhando-se metodologicamente à argumentação proposta por Brannigan, este trabalho pretende analisar o “descobrimento” do *mycobacterium leprae* não como uma “revelação dos segredos da natureza”, mas sim no sentido de uma construção sociológica, que envolvia questões científicas, mas também humanas. Outras vertentes metodológicas também se fazem presentes na literatura sobre história da ciência

Na querela científica para o desenvolvimento de conhecimentos científicos acerca da lepra aqui analisada, esse processo já era assim, em meados da década de 1870, reconhecido e acompanhado pela comunidade científica europeia<sup>29</sup>. Polarizadas na Noruega entre Hansen, que acreditava ser a doença transmissível, e Danielsen, que pregava sua hereditariedade, as discussões científicas sobre a etiologia da lepra assumiam contornos emblemáticos. Daniel Danielsen chegou até mesmo a se auto-inocular com material leproso, no intuito de provar que a doença não podia ser transmitida externamente<sup>30</sup>. Hansen não ficaria atrás.

No princípio de 1879 o médico realizou uma inoculação de material leproso nos olhos de uma paciente, sem seu consentimento, no intuito de provar, por sua vez, que a doença era transmissível. Como nos conta Knut Blom, tal atitude custou caro à Hansen. A paciente em questão entrou na justiça contra a atitude do médico, gerando uma interessante discussão jurídico-científica no país.<sup>31</sup> Por decisão do parlamento norueguês, Hansen

<sup>27</sup> LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório. A construção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

<sup>28</sup> BRANNIGAN, A. *The Social Basis of Scientific Discoveries*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

<sup>29</sup> Por exemplo, em uma das principais revistas científicas do período, a *Virchow's Archiv*, da Alemanha, vários foram os trabalhos que procuraram compreender o desenvolvimento desses primeiros passos do estudo bacteriológico da lepra.

<sup>30</sup> Ver: LORENTZ, M.; IRGENS, M. Leprosy in Norway: An interplay of research and public health work. In: *International Journal of Leprosy*, v. 41, n. 2, p. 189-198, 1973.

<sup>31</sup> BLOM, Knut. Armauer. Hansen and human leprosy transmission – medical ethics and legal rights. In: *International Journal of Leprosy*, v. 41, n. 2, p. 199-207, 1973.

chegou a perder, por alguns dias, o direito de exercer seu cargo público, mas foi a este restituído em uma segunda decisão. Em sua defesa, Hansen afirmou estar fazendo ciência, e que não haviam regras estabelecidas para tal prática no país, o que tornava sua ação um mero ato científico.

Tais esforços científicos, porém, mostravam-se infrutíferos em relação aos resultados, situação que se perduraria até o verão de 1879, quando Hansen recebe em seu laboratório a visita do médico alemão Albert Neisser, então com 24 anos.

Neisser, que àquela época era médico assistente do já mundialmente conhecido Robert Koch em Breslau, havia desenvolvido alguns trabalhos sobre bacteriologia, e passava a se interessar sobre lepra. Passados cinco anos da publicação do primeiro trabalho de Hansen, era patente o avanço técnico especialmente em relação à potência dos microscópios, como aponta Vogelsang<sup>32</sup>, o que facilitava naquele momento a observação mais detalhada de vários microorganismos. Na ocasião o ex-genro de Danielsen fez várias tentativas de convencer Neisser de que suas observações comprovavam que o microorganismo era uma bactéria, e de que esta era a causadora da lepra. Ao contrário de 1874, quando publicou seu artigo, Hansen tinha agora, cinco anos depois, um parâmetro a ser alcançado. Ele precisava fazer seus preparados cumprirem os requisitos predispostos pelo principal paradigma bacteriológico do período: os postulados de Henle-Koch. Em outras palavras, se Hansen quisesse convencer a comunidade científica de que o microorganismo que estudava, e que acreditava causar a lepra, era mesmo uma bactéria, precisava fazê-lo se encaixar nos três requisitos propostos por Henle e Koch como fundamentais no reconhecimento de uma bactéria como agente causal de uma determinada enfermidade: primeiro, que o bacilo em questão precisa estar presente em todas as amostras colhidas em pacientes portadores da referida moléstia; segundo, que ele precisa ser cultivado fora do organismo humano, ou seja, *in vitro*; e terceiro que o bacilo cultivado, portanto, deve ser capaz de induzir a doença por inoculação em um ser humano ou animal<sup>33</sup>.

<sup>32</sup> VOGELSANG, M. The Hansen-Neisser Controversy, 1879-1880. In: *International Journal of Leprosy*, v. 31, n. 1, p.74-80, 1963.

<sup>33</sup> Vasta é a bibliografia sobre o tema. Aqui consultei uma das mais recentes e mais utilizadas biografias de Robert Koch na Alemanha atualmente: GRADMANN, C. *Krankheit im Labor – Robert Koch und die medizinische Bakteriologie*. Göttingen: Wallstein, 2005. Várias outras obras também abordam o tema. Por exemplo: BROCK, T. *Robert Koch. A life in medicine and bacteriology*. Washington DC: American Society of Microbiology Press, 1999; EVANS, A. Causation and disease: the Henle-Koch postulates revised. In: *Yale Journal of Biology Med.*, v. 49, n. 2, p. 175-95, 1976.

Os esforços do médico norueguês foram, mais uma vez, mal-sucedidos, por não ter conseguido cumprir os requisitos do referido postulado. De todas as maneiras estava claro que aquele era o caminho. Neisser estava, com isso, instigado a descobrir mais sobre o problema, e desencadeou-se assim um processo de disputa científica pelos louros do “descobrimento” da bactéria causadora da lepra<sup>34</sup>. Quem conseguisse fazer os tais preparados se encaixarem nos postulados de Henle e Koch, ganharia definitivamente a glória do “descobrimento”.

Hansen oferecia a Neisser, durante a estadia deste em Bergen, a oportunidade de conhecer as últimas técnicas relacionadas ao estudo científico da lepra, de conhecer pessoalmente os maiores ícones científicos ligados à ela. Mas não somente. Hansen também ofereceu gentilmente à ele preparados contendo material leproso para que continuasse seus estudos. O jovem Neisser passava a ter os mecanismos para – também ele – se tornar um personagem ligado ao assunto, e com isso ganhar o reconhecimento e a glória científica consequente.

A atitude de Hansen em ceder esses preparados a Neisser pode ser compreendida de duas maneiras. Ele pode ter sido realmente dotado de um sentimento de generosidade científica, oferecendo parte de seus conhecimentos para o bem e para o progresso da ciência. Mas também pode ter de certa maneira subestimado a capacidade ou a sede de poder de Neisser, julgando-o ainda inexperiente e incapaz de produzir algum conhecimento novo sobre o tema que pudesse ofuscar sua posição de líder no processo.

Com base no estudo geral do processo e na compreensão da figura de Armauer Hansen após a realização deste estudo, concluo que a segunda hipótese é, enfim, a mais plausível. Afinal, ele tinha consciência de que seu trabalho de 1874 foi o primeiro a enfrentar de frente o paradigma da hereditariedade, e a tratar abertamente a lepra como transmissível, ainda que de uma maneira hipotética e incerta. Além disso, ele era àquela altura o principal cientista da Noruega, país de maior renome no estudo da doença no período. Ou seja, qualquer outro personagem que entrasse nesse processo teria que considerá-lo como o vanguardista dessa idéia da transmissibilidade.

Fato era que Neisser tinha os preparados em seu poder. E, como se não bastasse, tinha a ajuda de ninguém menos que o próprio Robert Koch para

<sup>34</sup> FITTE, George L.; WADE, H. M. The contribution of Neisser to the establishment of the Hansen bacillus as the etiologic agent of leprosy and the so-called Hansen-Neisser controversy. In: *International Journal of Leprosy*, v. 23, n. 4, p. 418-428, 1955.

dar sequência aos estudos e a fazê-los se encaixar nos referidos postulados. Foi uma questão de tempo até que ele conseguisse chegar aos resultados esperados, conforme relata no artigo em que oficializou o que ele entendia ser o “descobrimento” do *mycobacterium leprae*.

No nosso último dia de pesquisa em Bergen estávamos às voltas com vários preparados, e ficou claro para mim que seria uma questão de tempo até conseguir enquadrá-los nos métodos de Koch. Ao retornar para meu país com alguns preparados, iniciei imediatamente as pesquisas e para minha surpresa, sinceramente para meu espanto, encontrei bacilos totalmente desconhecidos em todos os 14 fragmentos de pele e nódulos no fígado, baço, testículo e córnea, o que me encorajou à adentrar ao terreno obscuro desta enfermidade.<sup>35</sup>

O artigo de Neisser foi publicado na primeira edição do *Breslauer Ärztlichen Zeitschrift* (Revista Médica de Breslau) menos de dois meses após seu regresso de Bergen. Era apresentada assim ao mundo científico a primeira descrição acadêmicamente aceitável do microorganismo que seria o responsável por causar a lepra. Neisser conseguiu, de fato antes de Hansen, fazer os tais preparados com células leprosas se encaixarem nos postulados de Koch, ou seja, provando que o microorganismo encontrado nos preparados era mesmo uma bactéria capaz de reproduzir a moléstia, o que confirmaria de uma vez por todas a tese da transmissibilidade.

Hansen, por sua vez, narra o acontecido em vários momentos de sua vida. Por exemplo em sua auto-biografia ele o descreve da seguinte maneira:

Eu não achei que deveria haver qualquer pressa em publicar minha descoberta, a partir do momento em que eu sentia que ainda havia muito a ser feito antes de alguém poder alegar que o bacilo era a origem da doença. Assim não pensou Neisser. Ele publicou imediatamente, embora honestamente tenha relatado apenas o que eu havia demonstrado a ele. Infelizmente, ele também gravou uma conversa com Danielsen em que meu chefe o pediu, “ironicamente”, – segundo Neisser – que se tivesse, deveria mostrar-lhe o bacilo. Para além desse detalhe, eu já estava inclinado a tomar a decisão de me antecipar sem entusiasmo, reportan-

---

<sup>35</sup> NEISSER, Albert. Zur Aetiologie der Lepra. In: *Breslauer ärztliche Zeitschrift*, n. 1, p. 201, 1879. Tradução minha.

do a descoberta atual para a norueguesa “Revista de Ciência Médica.”<sup>36</sup>

A partir do momento em que Neisser regressa de Bergen com os preparados cedidos por Hansen, e pede a ajuda de Koch, estava em decisiva vantagem em relação à Hansen. Talvez o norueguês tenha se apercebido dessa desvantagem, e escreve pessoalmente uma carta à Robert Koch, o colocando a par do processo e solicitando sua ajuda. Hansen fala sobre essa carta à Koch em dois momentos. O primeiro no artigo onde publicou a sua versão de “descoberta”, no ano de 1880:

A explicação para o fato de os preparados não apresentarem os resultados me foi dada posteriormente pelo Dr. Robert Koch, à quem escrevi uma carta nos dias posteriores à visita de Dr. Neisser. Dr. Koch me aconselhou então à prestar atenção na qualidade dos materiais de coloração que estava utilizando, ou mesmo para o fato de que eu talvez estaria realizando este processo de coloração sem a devida energia. Este erro, como Dr. Koch me relatou, também foi cometido por Dr. Neisser, que apenas depois de receber esta dica conseguiu fazer com que os preparados atingissem a coloração desejada, muito provavelmente por contar com o auxílio do Sr. Dr. Robert Koch.<sup>37</sup>

E o segundo já no ano de 1909, quando da segunda conferência International de Lepra, realizada na capital norueguêsa:

Quando a técnica de coloração de Robert Koch se tornou conhecida, Hansen tentou implementá-la em sua pesquisa. Os resultados foram entretanto insatisfatórios, até que ele recebeu a dica de Koch de deixar os preparados descansando por mais tempo, por até 24 horas, para que apresentassem a coloração desejada, e ele realmente conseguiu. Foi quando Neisser, que esteve no laboratório de Hansen em Bergen e aprendeu com Hansen os meandros da pesquisa sobre o assunto, publicou seus resultados.<sup>38</sup>

Está claro, assim, que sem a participação de Koch no processo não seria possível o “descobrimento” naquele momento. Como também que Koch ofereceu o mesmo conselho tanto a Neisser quanto a Hansen, com

<sup>36</sup> HANSEN, Armauer. *Op. cit.*, 1976, p. 98. Tradução minha.

<sup>37</sup> HANSEN, Armauer. *Bacillus Leprae*. In: *Virchow's Archiv*, n. 79, p. 23-45, 1880. Tradução minha.

<sup>38</sup> HANSEN, Armauer; LIE, H.P. *Op. cit.*, 1909, p. 324. Tradução minha.

a diferença de que Neisser estava pessoalmente com Koch, e recebeu este conselho *in locu*, ao passo que Hansen precisou escrever uma carta a Koch e esperar a resposta do médico alemão. Tempo suficiente para Neisser chegar primeiro aos resultados e publicá-los.

A atitude de Neisser em publicar um artigo que deveria ser tão “revolucionário” em uma revista científica de pequeno porte, e ainda em sua primeira edição é prova contundente de sua falta de experiência e de *legitimidade científica*<sup>39</sup>. Como ressaltado anteriormente, a principal revista médica européia do período era a *Archiv für pathologische Anatomie und Physiologie und für klinische Medicin*, também conhecida e posteriormente chamada de *Virchow's Archiv*. Não encontrei indícios sobre uma possível tentativa de Neisser em realizar a publicação de seu artigo nesta revista. Muito menos sobre uma possível recusa de Virchow em fazê-lo. Ainda assim considero bastante plausível que tal tentativa – e a respectiva recusa – tenham ocorrido.

Rudolf Virchow sempre concedeu aos noruegueses nítida predileção científica relacionada à lepra, em detrimento até mesmo de vários colegas alemães<sup>40</sup>. A positiva relação entre Virchow e os noruegueses foi observada em vários momentos desse processo, e teve seu início ainda na década de 1850, com uma visita do médico alemão à Bergen, no intuito de conhecer de perto as medidas implementadas pelo governo daquele país contra a lepra<sup>41</sup>. Essa viagem foi decisiva para o estreitamento das relações científicas entre ele e os noruegueses, especialmente Danielsen. Quando Hansen entra no processo, no final da década de 1860, também encontra em Virchow um importante aliado. Em vários momentos essa relação respeitosa entre os dois foi observada, como, por exemplo, na conferência internacional de Berlim. Na ocasião Virchow destacaria seu relacionamento com Hansen, à quem chama mais de uma vez de “meu amigo pessoal”<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> O termo ficou academicamente conhecido com: BOURDIEU, Pierre. The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason. In: *Social Science Information*, v. 14, n. 6, p. 19-47, 1975.

<sup>40</sup> Para maiores informações sobre os meandros acadêmicos desse processo, ver: BECHLER, Reinaldo Guilherme. Muito mais do que isolamento em questão: ciência, poder e interesses em uma análise das duas primeiras Conferências Internacionais de Lepra – Berlim 1897 e Bergen 1909. In: *Temporalidades*, Belo Horizonte, 2, p. 175-201, 2009.

<sup>41</sup> Uma completa descrição dessa viagem é feita em: VASOLD, Manfred. Rudolf Virchow und die Lepra in Norwegen. In: *Medizinhistorisches Journal*, v. 24, p. 123-137, 1989.

<sup>42</sup> Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Erste Sitzung*, Berlin, v. 2, p. 32, 1897.

Não encontrando respaldo assim, talvez no principal aliado alemão para legitimar sua “descoberta”, Albert Neisser se vê obrigado à publicar seu trabalho no *Breslauer Zeitschrift*, de relevância notoriamente menor do que a revista organizada por Virchow. Provavelmente motivado por essas problemas até certo ponto pessoais, comete o erro que pode ser compreendido como capital em sua vida acadêmica: o de argumentar de maneira ofensiva em em relação à Hansen e Danielsen:

A melhor maneira de exemplificar aos senhores o quão inerte e improdutiva estavam as discussões sobre o tema seria afirmando que os dois principais conhecedores da lepra, que ainda hoje vivem... os dois caminhavam em direções científicas totalmente opostas... Danielsen e Hansen de Bergen. Eu digo que esses dois pesquisadores se encontram em contradição flagrante. Danielsen considera a doença hereditária e ataca todos que acreditam na sua contagiosidade, enquanto Hansen a compreende como contagiosa e se esforça a sempre em glorificar sua capacidade.<sup>43</sup>

Hansen aparece na argumentação de Neisser como um paradigma vencido, que à partir daquele momento não mereceria mais atenção científica. Hansen havia apenas feito uma conjectura abstrata em 1874, dizendo ser a lepra uma doença a infecciosa apenas pelo fato de ter observado um micro-organismo em várias células leprosas. E que somente ele Neisser, à partir daquele momento estava comprovando com todos os métodos e técnicas da época, que isso era verdade.

Pesquisas que também consideram a tese da contagiosidade como plausível, da mesma maneira chegaram à resultados nada satisfatórios. A mais importante delas me parece a pesquisa publicada por Hansen. Simples nódulos frescos em preparados foram interpretados por ele como fragmentos de bactérias em forma de bastões. Inoculações e tentativas de cultura desses organismos permaneceram, porém, sem qualquer resultado.<sup>44</sup>

Ao contrário do que Neisser seguramente imaginava, seu trabalho não alcançou o destaque que esperava e mesmo merecia. Causou grande furor, porém, na Noruega, com um sentimento de traição e mesmo de rancor por parte especialmente de Danielsen, como narra Hansen:

<sup>43</sup> NEISSER, Albert. *Op. cit.*, 1879, p. 201. Tradução minha.

<sup>44</sup> *Ibid.* Tradução minha.

Danielsen ficou absolutamente furioso, não especialmente com a descrição de Neisser, mas com sua atitude para com meu bacilo. Ele me disse severamente que havia sido indolente quanto ao assunto já que, em sua opinião, houve uma tentativa definitiva e deliberada de roubar minha.<sup>45</sup>

A participação de Danielsen no processo à favor de Hansen foi decisiva, e realmente merece uma análise histórica mais aprofundada. Não apenas por sua relação pessoal com Hansen, mas principalmente por ser a pessoa que mais seria atingida com a “descoberta” da bactéria. À partir daquele momento toda sua vida científica, dedicada a provar que a lepra era hereditária estava desacreditada. Mesmo assim, ele apóia Hansen. Alguns estudiosos atribuem essa atitude de Danielsen à um sentimento nacionalista, e a uma intenção de manter a imagem da Noruega como principal centro de estudo da lepra no período, mesmo que isso custasse grande parte de sua carreira científica<sup>46</sup>. Mesmo que isso representasse o fim de sua própria credibilidade no meio acadêmico da época, Danielsen exerceu sua influência de principal personagem científico relacionado ao estudo da lepra para publicar o trabalho de Hansen em várias revistas científicas em vários países. Mas a principal publicação, a mais relevante, deveria ser realizada na Alemanha, de onde veio Neisser, e de onde vinha uma corrente que tentava se sobrepôr a hegemonia norueguesa no estudo da lepra. Hansen conta que:

Sob tais circunstâncias, eu senti que seria mais prudente ter minhas observações publicadas em uma revista alemã. Ao que parece, isso estabeleceu efetivamente minha prioridade no descobrimento sobre a origem da lepra. Na literatura médica agora o bacilo da lepra é reconhecido como doença de Hansen.<sup>47</sup>

Essa publicação alemã seria realizada já no ano de 1880, e desta vez no *Virchow's Archiv*<sup>48</sup>. No artigo escrito por Hansen ainda em dezembro de

<sup>45</sup> HANSEN, Armauer. *Op. cit.*, 1976, p. 99. Tradução minha.

<sup>46</sup> Dentre eles destacam-se: OBREGÓN TORRES, Diana. *Op. cit.*, 2002; FITE, George L.; WADE, H. M. *Op. cit.*, 1955.

<sup>47</sup> HANSEN, Armauer. *Op. cit.*, 1976, p. 100. Tradução minha. No Brasil, por exemplo, a doença ganhou o nome de Hanseníase no ano de 1956, no intuito de homenagear Armauer Hansen. Em outros países como o Japão, passou a se chamar oficialmente Doença de Hansen. E, de uma maneira global, embora o termo lepra ainda seja usado para designar essa doença em várias das principais línguas ocidentais, como a inglesa, a alemã, a francesa e a espanhola, o termo Doença de Hansen também é perfeitamente compreendido em todas elas.

<sup>48</sup> HANSEN, Armauer. *Op. cit.*, 1880.

1879 chamado *Bacillus Leprae*, Virchow oferece ao norueguês, a oportunidade de tornar definitivamente conhecida a “descoberta” do agente etiológico da lepra. A argumentação de Hansen, nessa que seria talvez a mais importante publicação de sua vida é bem mais comedida e cuidadosa. Ele inicia o artigo da seguinte maneira:

Eu ainda não havia pensado na possibilidade de publicar minhas pesquisas e pensamentos, mas como Dr. Neisser de Breslau, que esteve no último verão em meu laboratório em Bergen pra estudar a lepra, acaba de publicar os resultados de suas pesquisas nos preparados que eu mesmo à ele cedi, [...] me vi forçado à comunicar minhas observações acerca do mesmo assunto. Aqui pretendo cumprir dois propósitos, primeiro devo deixar clara minha prioridade no assunto perante o público científico, e segundo pretendo apresentar maiores detalhes sobre os avanços de minhas investigações acerca da etiologia da lepra em relação a meu primeiro estudo publicado pela Sociedade de Medicina de Christiania em 1874.<sup>49</sup>

Hansen usa da técnica argumentativa de fornecer inúmeros dados e um acompanhamento irrestrito de vários estudos de casos, realizados durante esse período de sua pesquisa de 1873 até aquele momento, em 1879. Depois de apresentar a evolução do quadro de cinco pacientes nesse período, Hansen afirma convicto:

Eu poderia ter mesmo motivos para afirmar que existia material bacteriológico em células leprosas. Mas tendo em vista o fato de que havia me baseado apenas em minhas pesquisas, afirmei à época ser isto apenas uma suposição. Uma suposição que agora ganha novas perspectivas quando provo ser este microorganismo realmente o agente causador da enfermidade.<sup>50</sup>

Interessante, porém, se torna constatar que, no momento de descrever o microorganismo, Hansen se posiciona ainda de maneira reticente e deixa ainda em aberto a possibilidade de ser este o causador da lepra:

Se conseguir comprovar com o tempo a suposição anteriormente mencionada sobre a natureza dos brown elements, então estará completamente provada a especificidade bacteriológica desse elemento. E vamos então chegar a conhecer as condições de vida desse bacilo, e suas condições de transmissibilidade para

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 32. Tradução minha.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 40. Tradução minha.

poder afirmar com toda segurança que se trata do agente causador da lepra. Este vai continuar sendo, como sempre foi, o objetivo de meu trabalho.<sup>51</sup>

Dos dois propósitos traçados por Hansen no primeiro parágrafo desse fundamental artigo, considero que ele conseguiu cumprir apenas o primeiro, ou seja, exercer sua prioridade na querela. O segundo, descrever os avanços na pesquisa do agente causador da lepra desde sua primeira pesquisa de 1874, não foi cumprido satisfatoriamente. Não foi possível, por fim, descrever detalhadamente o processo de transmissão da doença entre seres humanos. Interessante se torna constatar que tal pergunta ainda permanece nos dias atuais sem uma resposta clara<sup>52</sup>. O que foi feito por Hansen – e, é preciso dizer, também por Neisser – foi a constatação de que o microorganismo observado desde 1848 por Danielsen era realmente uma bactéria, e que, pelo fato de ele ser encontrado em todos os pacientes com lepra, ele – muito provavelmente – era o causador da doença. Estava, enfim, descoberto o *mycobacterium leprae*.

Indiscutivelmente Hansen possuía maior *autoridade científica* do que Neisser para assumir o papel de “descobridor”. Era mais experiente, mais bem-relacionado academicamente que seu concorrente. Além disso, publicou seu trabalho nas principais revistas científicas do mundo na época.

De fato, o alemão Albert Neisser foi o primeiro cientista a conseguir descrever o *mycobacterium leprae* em termos cientificamente aceitáveis para a época. Ele realmente publicou os resultados de sua pesquisa antes de Armauer Hansen, graças ao já abordado auxílio de Robert Koch. Mas esses fatos não foram suficientes para legar a Neisser o reconhecimento da primazia da descoberta. Apenas em 1881 Neisser teria a oportunidade de publicar um artigo no Virchow’s Archiv. Na oportunidade, porém, ele deixa claro que abdicava dos louros de tal “descoberta”, em uma atitude singular e interessante:

Gostaria ainda de fazer uma observação no que diz respeito às publicações de Hansen e Danielsen. Esclareço a estes autores com estas palavras, que nunca pretendi destacar minha prioridade nos estudos sobre a etiologia da lepra, principalmente em minha publicação no Breslauer Zeitschrift de 1879. Abro mão ao mérito de ter realizado a descrição até então não realizada do

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 41-42. Tradução minha.

<sup>52</sup> Inúmeros autores abordam este assunto, por exemplo: FELDMAN, W. H. *Gerhard Armauer Hansen. What did he see and when?* In: *International Journal of Leprosy*, v. 33, n. 3, p. 412-416, 1965; OBREGÓN TORRES, Diana. *Op. cit.*, 2002. IRGENS, Lorenz. *Op. cit.*, 1992. BECHELLI, L.M. *Op. cit.*, 1973; YOSHIE, Yoshio. *Op. cit.*, 1973.

microorganismo causador da lepra, porque fui apenas coincidentemente o primeiro a conseguir fazer uma detalhada investigação a este respeito utilizando o método da coloração de Robert Koch.<sup>53</sup>

O alemão Albert Neisser estava, assim, fadado a existir sempre à margem do processo, não conquistando até os dias atuais quase nenhum reconhecimento científico de sua participação na construção desse *paradigma científico*. E torna-se interessante a constatação de que tal esquecimento se deu já nos primeiros momentos “pós-descobrimto”. Em todos os trabalhos e discursos sobre o assunto pesquisados por mim, Hansen – e apenas ele – é considerado como o “descobridor” do *mycobacterium leprae*. Apenas um trabalho, publicado no mesmo ano do falecimento de Neisser pelo médico alemão Albert Czapplewski, tenta fornecer à seu conterrâneo pelo menos uma parcela de contribuição no processo, não tendo porém quase nenhuma ressonância acadêmica à época<sup>54</sup>.

Muito melhor relacionado academicamente e carregando consigo toda a experiência de seu país no assunto, Armauer Hansen foi aclamado como o “descobridor” do agente causador da lepra, predicado que enverga até a atualidade. Essa vitória do norueguês é tida como a mais importante de sua carreira acadêmica, por ter aberto importantes perspectivas à sua atuação e à atuação de seu país no contexto científico e político de combate a essa enfermidade e, além disso, é vista como responsável, conforme aponta Lorentz Irgens, por formar os alicerces da construção de um mito<sup>55</sup>. A análise da construção desse *paradigma científico*, porém, abre importantes perspectivas históricas sobre o assunto, na medida em que apresenta novos personagens e novas possíveis implicações desse processo.

A legitimação desse “novo paradigma”, porém, não se deu de maneira rápida nem muito menos tranquila. Como citado anteriormente, Hansen não produziu uma argumentação contundente em seu artigo, a ponto de dirimir todas as dúvidas sobre o assunto e legitimar definitivamente a tese da transmissibilidade. Restavam ainda importantes lacunas etiológicas que precisavam ser sanadas.

<sup>53</sup> NEISSER, Albert. Weitere Bemerkungen zur Ätiologie der Lepra. In: *Virchow's Archiv.*, 80, p. 541, 1881. Tradução minha.

<sup>54</sup> CZAPLEWSKI, A. Prof. Albert Neisser und die Entdeckung der Leprabazillus. *Archiv für Dermatologie und Syphilis*, n. 124, p. 513-530, 1917.

<sup>55</sup> IRGENS, Lorentz. *Op. cit.*, 1992.

## VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS

Provavelmente em decorrência dessa insegurança, a tese da hereditariedade da lepra persistia com vários adeptos no meio científico da época, inclusive na própria Noruega<sup>56</sup>. O historiador norueguês Oivind Larsen, que também se esforça para contar um pouco mais sobre a vida de Hansen, aponta que apenas com a viagem feita por ele aos Estados Unidos em 1887, pôde convencer definitivamente os cientistas de seu país de que a doença não era hereditária<sup>57</sup>.

Já na condição de chefe do serviço nacional de lepra, Hansen atravessou o Atlântico com a intenção de provar que as condições de vida e de salubridade das pessoas influenciavam na incidência da lepra. Para isso sua proposta era simples: iria examinar várias famílias de noruegueses que haviam se mudado para os Estados Unidos nas últimas décadas. Se eles apresentassem lepra, realmente a tese da hereditariedade faria sentido. Mas se não, estaria definitivamente comprovada, em sua opinião, a plausibilidade de sua tese da transmissibilidade da lepra. Em sua autobiografia Hansen legou um capítulo inteiro para a referida viagem, apresentando-a como uma fundamental experiência em sua vida profissional e pessoal.

Eu solicitei um auxílio de viagem ao parlamento norueguês para estudar essa questão de maneira ainda mais detalhada. Cerca de 200 leprosos noruegueses haviam imigrado da Noruega e eu tinha convicção de que provas concretas poderiam ser encontradas nesse cenário no sentido de confirmar minhas expectativas científicas.<sup>58</sup>

Ele não encontrou nenhum caso sequer de lepra entre os imigrantes noruegueses, fazendo com que a idéia da hereditariedade fosse definitivamente repugnada em seu país, e fazendo com que seu poder e legitimidade política crescessem imensamente. Suas opiniões passaram a ser mais respeitadas dentro e fora da comunidade científica e das instâncias administrativas do país<sup>59</sup>. Além disso, Hansen se viu em uma situação política extremamente favorável, por ter “vencido” uma disputa científica contra um cientista es-

---

<sup>56</sup> Sobre isso ver: YOSHIE, Yoshio. *Op. cit.*, 1973; BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Op. cit.*, 2010.

<sup>57</sup> LARSEN, Oivind. *Op. cit.*, 1973, p. 211.

<sup>58</sup> HANSEN, Armauer. *Op. cit.*, 1976, p. 78. Tradução minha.

<sup>59</sup> Sobre isso ver: BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Op. cit.*, 2009.

trangeiro, o que garantia à Noruega uma condição de vanguarda científica em um assunto tão relevante.

Sua estadia nos Estados Unidos serviu, além disso, para que Hansen pudesse experimentar os primeiros reflexos de sua popularidade científica, adquirida com o “descobrimto” do agente causador da lepra. Todavia, essa popularidade iria ser expressa de maneira mais contundente apenas no final do século, quando da primeira conferência internacional de lepra, organizada pelo governo alemão em Berlim no ano de 1897. Na ocasião reuniram-se, pela primeira vez, os principais cientistas e políticos de todo o planeta envolvidos com a doença, no intuito de homogeneizar tanto os conhecimentos técnicos quanto as linhas de atuação prática contra suas manifestações.

## CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE BERLIM

Eu obtive, claro, fama com isso. E isso aconteceu em 1897, na conferência de lepra de Berlim.<sup>60</sup>

De 11 a 16 de outubro de 1897 o norueguês Armauer Hansen experimentaria o que ele mesmo descreveu como sendo os dias de maior sucesso de sua vida profissional<sup>61</sup>. Credenciais científicas não faltavam ao escandinavo. Além do fato de já ser, àquela altura, reconhecido como “descobridor” do bacilo causador da lepra, ele ainda era o representante máximo do governo norueguês no encontro. Seu discurso era aguardado por todos os presentes, ansiosos por conhecer mais detalhes sobre as medidas que conseguiram reduzir a epidemia de lepra que assolava a Noruega, de mais de 3.000 casos em meados do século para pouco mais de 60 naquele ano de 1897.

Baseando-me aqui nos anais oficiais do encontro, pesquisados de maneira inédita em trabalhos latino-americanos para a realização de minha tese de doutoramento<sup>62</sup>, pretendo mostrar algumas outras importantes facetas de Armauer Hansen, que permitiram sua consolidação como maior expoente científico da história da lepra. Se suas capacidades argumentativas e acadêmicas já foram sucintamente abordadas, resta-me apontar um Hansen astuto, rude, hábil, impiedoso, e acima de tudo consciente de seu papel histórico.

<sup>60</sup> HANSEN, Armauer. *Op. cit.*, 1976, p. 100. Tradução minha.

<sup>61</sup> Para maiores detalhes sobre a conferência de Berlim, ver: BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Op. cit.*, 2009.

<sup>62</sup> BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Op. cit.*, 2010.

Sua postura no encontro será analisada por este trabalho partindo de pressupostos teóricos do médico polonês Ludwik Fleck, que dedicou boa parte de sua trajetória acadêmica para o estudo do desenvolvimento da ciência, enquanto um fenômeno social<sup>63</sup>. Como personagem científico, mas também como ser humano, Hansen inseria-se numa singular rede social e acadêmica, que não deve ser olvidada. Conflitos pessoais e técnicos, interesses nacionais, ou mesmo a incipiência prática dos conhecimentos acerca da lepra no período, geraram um conturbado *coletivo de pensamento*<sup>64</sup> – seguindo o pensamento fleckiano – acerca desta enfermidade, acirrando os ânimos de todos os presentes ao encontro de Berlim, e oferecendo mecanismos para o surgimento do Armauer Hansen visceral, como abordado anteriormente.

Ele devia ter a consciência de que importantes rumos científicos e políticos estavam sendo decididos naqueles dias de outono na capital alemã. Explica-se assim sua postura agressiva na ocasião, como veremos a seguir, no sentido de não permitir a inserção de outros personagens que pudessem ofuscá-lo ou mesmo dividir com ele os louros desse processo. Esquiva-se aqui, contudo, da proposta de analisá-lo como um personagem consciente de seu lugar no panteão dos gênios. Ser humano que era, os discursos de Hansen em Berlim nos oferece, tão somente, singulares instrumentos de reflexão histórica sobre o devir e a prática científica.

Em recente artigo publicado no Brasil sobre a conferência de Berlim, Shubhada Pandya narra com interessantes fontes primárias, por exemplo, a tentativa do médico norte-americano Albert Ashmead – também presente ao encontro – de formar junto com Armauer Hansen e outros médicos uma rede mundial de pesquisadores, um *Comité*, a partir do final de 1896, e que teriam também a responsabilidade política de propor soluções contra a enfermidade<sup>65</sup>. De maneira sutil, mas determinada, segundo Pandya, Hansen declina de todas as tentativas, numa atitude que merece atenção histórica.

O médico norte-americano Albert Ashmead seria assim, outro personagem que buscaria seu reconhecimento acadêmico no processo. Também

<sup>63</sup> Fleck escolheu a sífilis, objeto de sua lida diária, para elucidar a construção da ciência a partir do estudo de caso da sifilografia. A história da sífilis, de Fleck, não equivale às congêneres de sua época, pois evidencia a construção social desta doença e da sifilografia. Para ele, enfim, o conhecimento científico é um fenômeno social e culturalmente construído. Ver: FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

<sup>64</sup> Ou, no original, *Denkkollektiv*. Fleck define este conceito como: “uma comunidade de pessoas intercambiando idéias mutuamente ou mantendo interação intelectual”. *Ibid.*, p. 39.

<sup>65</sup> PANDYA, Shubhada. The first international leprosy conference, Berlin, 1897: the politics of segregation. In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, 10 (suplement 1), p. 161-177, 2003.

favorável à idéia da transmissibilidade e ferrenho defensor do isolamento compulsório como solução prática para o problema, Ashmead buscava maneiras de formar uma primeira classe de “leprologistas”, que teria a responsabilidade de convencer os governos de todo o mundo da necessidade do isolamento para se chegar ao fim da lepra:

O combate e prevenção da lepra... só pode ser realizado sufocando-a através do isolamento. Queremos obter o isolamento compulsório e completo com o consentimento dos governos; queremos que as medidas sejam tomadas, a rigor, em todos os lugares; e que o princípio do isolamento seja passado à prática, com todas as conseqüências, todas as tarefas e todos os esforços que pode acarretar.<sup>66</sup>

Contudo, pelos motivos apontados anteriormente, tal atitude não seria bem-vista e não contaria com o apoio de Hansen. Em uma das discussões da conferência de Berlim – que por fim não foi abordada por Shubhada Pandya – o norueguês trata do assunto, e dá mostras contundentes da maneira com que defenderia sua posição na ocasião:

Meus senhores! Temos aqui duas propostas feitas por Dr. Ashmead (New York) e por Dr. Westberg sobre a formação de um “Lepra-Comité”. Eu já havia escrito anteriormente à Dr. Ashmead que eu não posso compreender o que este Comité teria a fazer, a não ser assinar papéis e tecer belos discursos. Eu penso que a coisa é bem simples. Nós conseguimos resultados realmente requintados na Noruega, mas se eles não forem suficientes para convencê-los, então façam como queiram. Se os senhores não querem seguir nosso exemplo são, como eu disse à Dr. Ashmead, idiotas (sic), e pessoas idiotas não merecem ser ajudadas. Mas minha experiência mostra que as pessoas não são tão idiotas como se diz comumente, e por isso eu acredito que os senhores farão como nós fizemos e eu posso garantir que em pouco tempo estarão livres da lepra.<sup>67</sup>

Estava claro, assim, que ele não aceitaria a inserção de outros personagens no processo. A experiência e os resultados epidemiológicos de seu país,

<sup>66</sup> Ashmead, 22.1.1897. Apud: PANDYA, Shubhada. *Op. cit.*, 2003, p. 168. Tradução minha.

<sup>67</sup> Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Die Isolierung der Aussätzigen und die dazu erforderlichen Maassregeln*, Berlin, v. 2, p. 165, 1897. Tradução minha.

associada à sua experiência pessoal no estudo científico da doença, somada à providencial e fundamentada relação acadêmica com Rudolf Virchow – presidente da conferência – eram predicados suficientes para legar à sua figura a condição de legitimidade necessária para propor, sozinho, soluções aos presentes. E sua solução foi o isolamento compulsório que, de fato, era a única alternativa plausível, uma vez que não havia um tratamento clínico contra a enfermidade.

De qualquer forma, todas as tentativas terapêuticas para a lepra foram até agora tão claramente mal-sucedidas, ou pelo menos tão inseguras, que não nos resta outra alternativa. Será o mais sensato e mais humano de nossa parte, se nós combatermos a propagação desta enfermidade através do isolamento dos doentes.<sup>68</sup>

A conferência internacional de Berlim deixou o legado histórico da aclamação oficial da tese da transmissibilidade da lepra, além de ter sido o palco onde Armauer Hansen teria cometido uma importante contradição histórica, já apontada por vários historiadores contemporâneos, de propor um isolamento compulsório irrestrito e impositivo, que deveria até mesmo contar com auxílio de forças policiais para sustentá-lo, quando na verdade as medidas implementadas por ele com todo sucesso na Noruega pregavam exatamente o contrário, ou seja, ações democráticas e bem-orientadas, que contavam com a participação de todos os setores da sociedade no processo de erradicação da doença<sup>69</sup>.

Através da análise do próprio discurso de Armauer Hansen enquanto fonte primária, realizada em outros trabalhos, foi possível relativizar tais análises, apresentando elementos que podem abrir novas perspectivas historiográficas ao assunto. A princípio, instigou-me o fato de que tais medidas tenham resultado em uma diminuição tão impactante na incidência da lepra,

---

<sup>68</sup> Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Zweite Sitzung*, Berlin, v. 2, p. 32, 1897. Tradução minha.

<sup>69</sup> Esse discurso é recorrente em todas as obras históricas, especialmente latino-americanas, que analisam o processo de construção de soluções políticas para a lepra a partir do século XIX. As medidas norueguesas gozam de um caráter paradigmático, apenas em função dos positivos resultados epidemiológicos que produziram, tendo em vista que em meados do século XIX foram registrados cerca de 3.000 casos da doença e neste ano de 1897 haviam apenas pouco mais de 60 casos confirmados. Ver: MONTEIRO, Yara. *Da maldição divina a exclusão social: um estudo da hanseníase em São Paulo*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995; OBREGÓN-TORRES, Diana. *Op. cit.*, 2002; GUSSOW, Zachary. *Op. cit.*, 1989.

em um período de tempo relativamente curto, quando não havia qualquer alternativa de tratamento clínico para a doença.

Encontrar explicações para esse fato não é tarefa histórica das mais fáceis, nem mesmo para os noruegueses. H.P. Lie, assistente de Hansen, escreveria um importante artigo já em 1933 onde deixa claro que não possuía essa resposta, e chega mesmo à se perguntar: “is the decline spontaneous?”<sup>70</sup>.

Em outras palavras, considerando a hipótese dessas medidas terem sido implantadas na Noruega segundo tais preceitos democráticos, pregados pela historiografia atual, culminando com a quase completa erradicação da lepra no país em pouco mais de meio-século, não seria difícil deduzir que essa diminuição epidemiológica resultou na cura dos leprosos noruegueses, o que, como dito, não era exequível naquele momento. Buscando explicações para tal questionamento, concentrei-me nos discursos de Hansen, especialmente na conferência de Berlim, no intuito de compreender como ele descreveria essas medidas.

O exame desse material aponta que essa política pública foi descrita por Hansen de maneira bastante dicotômica, e com o único objetivo de justificar o emprego do isolamento compulsório como solução pelo menos para o não-alastramento da lepra. Assim, é possível dividir sua argumentação na ocasião em dois momentos completamente distintos. Primeiro, nos artigos oficiais, escritos por ele anteriormente à realização do evento. E segundo, nos debates com outros participantes, também detalhadamente relatados nos anais da conferência<sup>71</sup>.

Sua argumentação nesses textos oficiais seria cuidadosamente construída com o auxílio de marcantes elementos históricos, no sentido de vangloriar a experiência adquirida pela Noruega no combate à lepra enquanto problema do Estado desde o princípio do século XIX, além de ressaltar o caráter humano dessa intervenção estatal. O isolamento compulsório aparece como uma alternativa utilizada pelo governo apenas para os casos mais graves, enquanto a maioria dos doentes poderia escolher se seria isolado ou permanecer em sua residência, cumprindo rigorosas recomendações técnicas.

Na Noruega o isolamento nunca foi totalmente compulsório. Nos primeiros momentos foi inclusive totalmente voluntário. Tal medida foi implementada, a

<sup>70</sup> LIE, H. P. Why is leprosy decreasing in Norway? In: *International Journal of Leprosy*, v. 1, n. 2, p. 210, 1933.

<sup>71</sup> Um trecho desses debates sobre a discussão com o médico norte-americano Ashmead já foi utilizado nesse trabalho.

princípio, como uma maneira de oferecer tratamento digno para os leprosos pobres. O estado construiu os leprosários e informou aos leprosos que ofereceria a eles um tratamento de qualidade, humano e gratuito.<sup>72</sup>

Entretanto, nos debates com outros presentes, quando outras idéias e outros personagens colocaram à prova sua autoridade e sua retórica, nota-se um Armauer Hansen mais visceral. Sem o polimento argumentativo tão presente em seus textos escritos, Hansen oferece-nos um singular e instigante testemunho histórico sobre a história da lepra em seu país no século XIX, que carece de maior atenção histórica. Mesmo não oferecendo a riqueza de detalhes sobre esse período que almejava encontrar, o discurso do ex-gênero de Danielsen nessas ocasiões me ofereceu substanciais argumentos para colocar em cheque as referidas interpretações historiográficas contemporâneas sobre essas medidas.

Falando como um membro do Estado norueguês, Hansen simplesmente desconsidera o papel do doente nessas medidas, chegando a afirmar, por exemplo, que: “todo doente é um mau-trabalhador e, por conseguinte, uma peso-morto para o Estado”<sup>73</sup>. Voltando a versar sobre os primeiros momentos da implantação dessas medidas em seu país, Hansen oferece-nos uma perspectiva distinta da descrição feita no artigo citado logo acima.

Se querem saber a verdade, no começo, os leprosos chegavam aos montes. Eles não foram internados compulsoriamente. Apenas foi-lhes dito que o governo arcaria com todos os custos e de repente tínhamos os leprosários estatais transbordando de leprosos. E isso foi um grande alívio para as famílias, pois ficaram livres de seus leprosos.<sup>74</sup>

A necessidade do isolamento compulsório, para Hansen é compreendida até mesmo de maneira jurídica: “Uma pessoa doente possui ao lado de seus direitos também seus deveres, e o maior e mais sagrado desses deveres deve ser o de não colocar em risco seus concidadãos”<sup>75</sup>. Até mesmo o caráter humano dessas medidas é abordado por Hansen em termos bem distintos.

<sup>72</sup> HANSEN, Armauer. *Facultatives oder obligatorische Isolierung der Leprösen*. In: Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im Oktober 1897. Bd. I, Berlin, 1897, p.4. Tradução minha.

<sup>73</sup> Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Erste Sitzung*, Berlin, v. 2, p. 18, 1897. Tradução minha.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 17. Tradução minha.

<sup>75</sup> *Ibid.*

Na verdade eu acho que seria muito mais humano prevenir a doença através do isolamento de todos esses leprosos, do que oferecer aos doentes uma condição que pode até parecer advir de corações bondosos, mas que na verdade significa fraqueza sentimentalista. [...] Para mim é muito mais humano proteger a sociedade da lepra do que dar a oportunidade aos leprosos de contaminar outras pessoas.<sup>76</sup>

A propensa atmosfera democrática e descentralizada dessas medidas também ganha novos contornos. Segundo Hansen, a sociedade norueguesa passou, de fato, por um processo de descentralização de sua estrutura político-social, com o surgimento de pequenas comunidades que gozavam de uma relativa autonomia, e esse processo refletiu realmente na formação de uma sociedade mais consciente de seu papel na promoção da saúde-pública. No caso da política pública desenvolvida contra a lepra, contudo, a atitude do governo foi a de se utilizar dessa estrutura no intuito não de descentralizar, mas sim de centralizar toda e qualquer ação nas mãos de Daniel Danielsen, que sempre regeu a implantação dessas medidas: “O processo foi muito bem organizado. [...] Com essas medidas Danielsen assumiu o controle da situação”<sup>77</sup>.

Mas o discurso mais sintomático de Armauer Hansen acerca do assunto seria proferido na seção do encontro chamada *Isolamento dos leprosos e suas medidas correspondentes*. Na verdade o debate, ocorrido no último dia do encontro, foi uma proposição pessoal de Hansen no dia anterior, dado o nível de divergências entre os presentes. Ainda mais direto, o médico norueguês tocaria em algumas questões interessantes sobre o processo, fazendo uma revelação sobre a realidade vivida pelos doentes nos leprosários estatais, que pode se não explicar, pelo menos lançar novos elementos investigativos acerca da diminuição epidemiológica conseguida por essas medidas em um período em que curar a doença não era possível:

Aconteceram tantas outras doenças, tantas outras infecções, que os doentes morriam nesses leprosários muito antes do que se estivessem ficado em casa. Isso se trata de problema exclusivamente sanitário, nenhum acidente, mas bonito e humano não foi.<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>78</sup> Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Die Isolierung der Aussätzigen und die dazu erfolgreichen Maassregeln*, Berlin, v. 2, p. 162, 1897. Tradução minha.

Não se trata de dizer que o governo norueguês exterminou seus doentes de lepra. Apenas o discurso de Hansen não é suficiente para que se chegue a tal conclusão<sup>79</sup>. Desta feita, resta-me, por enquanto, apresentar tal discurso apenas como um indício, que pode abrir novas perspectivas históricas ao estudo desse processo. Ou seja, não seria absurdo pensar que o governo norueguês observasse com bons olhos a rápida lotação dos leprosários estatais construídos pelo país. Considerando as palavras do próprio Hansen, o leproso era um expurgo social, cujo único direito deveria ser o de não colocar em risco a sociedade sadia. Uma vez isolados em um local próprio, não seria de se esperar que este governo despendesse recursos financeiros – e mesmo enérgicos – para cuidar do bem-estar de pessoas que se sabia não possuírem futuro social. Afinal, era de seu conhecimento que o desenvolvimento de uma cura clínica para a doença ainda seria um objetivo de longuíssimo prazo. É certo, além disso, que os doentes não pereceram de lepra, uma doença de evolução notadamente lenta, e sim, como aponta Hansen, de outras enfermidades, causadas provavelmente pelas más condições de salubridade ou mesmo de alimentação oferecidas nessas instituições. A eliminação “natural” dessas pessoas viria bem a calhar, enfim, nas pretensões das autoridades do país em erradicar a lepra o mais rapidamente possível<sup>80</sup>.

Mesmo com todas as contradições apresentadas, Hansen conseguiu impor suas concepções científicas e políticas em Berlim. Do ponto de vista técnico, conseguiu convencer o corpo médico presente ao encontro que a doença seria transmissível, como comprova o primeiro item da resolução final do encontro: “A lepra é considerada oficialmente como uma enfermidade transmitida de ser humano para ser humano, mesmo que os meios dessa transmissão ainda não possam ser totalmente explicados”<sup>81</sup>.

E do ponto de vista político, mesmo com as referidas críticas sofridas atualmente, Hansen conseguiu fazer com que sua proposição do isolamento

<sup>79</sup> Minha tese de doutoramento esbarrou no mesmo questionamento, que é, antes de tudo, um problema linguístico, já que grande parte desse material encontra-se em norueguês. Objetivava-se a realização de uma investigação mais detalhada sobre o assunto, em um futuro próximo. Recebi em fevereiro de 2011, autorização do Arquivo Nacional da Noruega, em Oslo, para pesquisar os referidos documentos, o que almejo fazer tão logo possível. Mais sobre o assunto, ver: BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Op. cit.*, 2010.

<sup>80</sup> Objetivava-se a realização de uma investigação mais detalhada sobre o assunto, em um futuro próximo. Recebi em fevereiro de 2011, autorização do Arquivo Nacional da Noruega para pesquisar os documentos

<sup>81</sup> Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Schlussforderungen*, Berlin, v. 2, p. 324, 1897. Tradução minha.

compulsório a todos os doentes fosse aprovada pelos presentes, muito mais pela inexistência de outras alternativas do que propriamente pela eficácia do método que, segundo ele próprio, não foi implementado em seu país. Assim, a solução milenar de se isolar os leprosos utilizada desde a antiguidade era remodelada em Berlim com um discurso cientificista, que legava a ela o status de recomendação eficaz contra o risco de pandemia da doença no período. O norueguês Armauer Hansen, por sua vez, retornava à Bergen na condição de eterno ícone na história da lepra.

## A CONSTRUÇÃO DE UM MITO

Não obstante todo reconhecimento adquirido ao longo desses quase duzentos anos, a vida de Armauer Hansen ainda não foi objeto de um estudo biográfico mais aprofundado. Sua autobiografia, escrita pouco antes de sua morte em 1912 e publicada apenas em 1976, é um testemunho histórico importante das reflexões de um ser humano obstinado em encontrar explicações racionais e científicas para uma doença tão singularmente marcada por estigmas e preconceitos sociais.

Longe de ousar tal empreitada, este trabalho buscou tão somente levantar algumas particularidades de sua existência, no intuito de chamar a atenção para o quão frutíferas podem ser discussões acerca de seu legado científico e político, na construção de conhecimentos acerca do desenvolvimento de políticas públicas em saúde no século XIX, especialmente vinculadas à lepra.

Nesse particular, ou seja, na construção do mito Armauer Hansen, a conferência de Berlim, como ressaltado anteriormente, exerceu um papel preponderante. Se já chegava à capital alemã como a principal autoridade científica sobre a doença, em função do “descobrimto” de seu agente causador, Hansen deixou Berlim, além disso, como o responsável por oferecer aos governos de todo o planeta um caminho político a ser seguido para a erradicação da lepra. Como se não bastasse, o médico norueguês ainda conseguiu a aprovação dos presentes para a realização da próxima conferência internacional de lepra em sua cidade natal, Bergen.

Neste evento, ocorrido em agosto de 1909, Hansen pôde experimentar todo reconhecimento pessoal que galgara nesses mais de cinquenta anos de estudos quase aficcionados sobre da lepra. Um de seus artigos publicados nos anais do encontro, escrito em parceria com seu assistente e futuro sucessor H. P Lie, se transformou em um verdadeiro clássico da história da lepra

durante o século XX, especialmente na Europa<sup>82</sup>. *Die Geschichte der Lepra in Norwegen* (A história da lepra na Noruega) pode ser compreendido como um importante propulsor de todos esses discursos positivos acerca das medidas norueguesas que ecoaram ao longo do último século. Com um discurso nacionalista e quase apoteótico, Hansen mantém a linha argumentativa utilizada nos artigos publicados na conferência de Berlim doze anos antes. As medidas são apresentadas como democráticas e absolutamente acima de qualquer suspeita, especialmente por gerar uma impactante diminuição na incidência da lepra, que dava ao país o direito de proclamar a tão sonhada erradicação da doença.

A proposta do isolamento compulsório realizada por Hansen em Berlim não foi, de forma alguma, implantada na prática sem árduos debates sociais e científicos em todos os países afetados pela doença, especialmente nas primeiras décadas do século XX. No Brasil, por exemplo, tal embate percorreu os meios sociais e médicos de maneira veemente. Heráclides de Souza-Araújo, um dos principais personagens da construção da apropriação brasileira desse processo, descreveria da seguinte maneira esse momento: “Nas primeiras décadas deste século o problema da lepra, pode-se dizer, foi o tema mais arduamente discutido na Academia Nacional de Medicina”<sup>83</sup>. A historiadora Yara Monteiro, que também analisou este processo, chega a afirmar que o país se dividira entre partidários e contrários a esse isolamento compulsório<sup>84</sup>. Em outros países latino-americanos o embate também se deu de maneira drástica. Diana Obregón-Torres demonstra que sociedade e cientistas colombianos também travariam um árduo debate, especialmente por meio da imprensa, para aprovar ou rechaçar a medida<sup>85</sup>. Já em meados do século XX a proposta de Hansen encontrava críticos por todo o mundo. Em um clássico do período, os médicos britânicos Ernest Muir e Leonard Rogers chegam a classificá-la como: “o maior erro da medicina moderna”<sup>86</sup>.

Mas mesmo assim a figura de Hansen permaneceu imaculada. Como explicação para este fenômeno, poderia elencar o fato de que o legado de Hansen relacionado à lepra nos primeiros momentos pós-conferência de

<sup>82</sup> HANSEN, Armauer; LIE, H. P. *Op. cit.*, 1909.

<sup>83</sup> SOUZA-ARAÚJO, Heráclides. *História da lepra no Brasil, volume III – Período Republicano 1890-1952*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956, p.411.

<sup>84</sup> MONTEIRO, Yara. *Op. cit.*, 1995.

<sup>85</sup> OBREGÓN-TORRES, Diana. *Op. cit.*, 2002.

<sup>86</sup> MUIR, Ernest; ROGERS, Leonard. *Leprosy*. Second Edition. Baltimore: Williams & Wilkins Co, 1940. p. 14.

Berlim esteve muito mais vinculado a questões científicas do que políticas. Ou seja, o Hansen vangloriado foi sempre o descobridor do agente causador da doença, e não o formulador da proposta do isolamento compulsório. Até mesmo os médicos ingleses anteriormente citados como principais críticos do isolamento em nenhum momento citam o nome de Armauer Hansen sequer como um personagem vinculado à sua concepção.

Além disso, a lepra passou a figurar, no século XX, entre os temas de maior predileção em revistas médicas de todo planeta. Várias revistas surgiram – especialmente no final da primeira metade deste século – para discutir técnica e socialmente as implicações da enfermidade. Talvez a principal dessas publicações tenha surgido ainda no princípio da década de 1930, chamada *The International Journal of Leprosy*, com sede na Universidade de Nova Iorque. E provavelmente em função de todo o histórico científico do país a respeito da doença, trabalhos de cientistas noruegueses se multiplicaram desde o princípio da revista. Um dos primeiros trabalhos foi o já citado artigo de H.P. Lie, antigo assistente e àquela altura sucessor de Hansen na linha de frente científica sobre o assunto. No artigo, publicado na segunda edição da revista, Lie realiza uma verdadeira ode ao falecido Armauer Hansen, legando à sua imagem de cientista um caráter literalmente mitificado<sup>87</sup>.

A partir de então sucederam-se trabalhos com a mesma linha argumentativa na revista, que chegou à possuir uma tiragem mundial de cerca de 10.000 exemplares. Ao longo do presente texto, tais artigos foram analisados, e todos são unânimes em vangloriar a figura de Armauer Hansen como o principal personagem histórico relacionado à lepra de todos os tempos. Mesmo na literatura de língua alemã que, em função da comentada querela envolvendo Albert Neisser, pelo menos poderia tratar o norueguês de maneira mais imparcial, observa-se a mesma argumentação positiva<sup>88</sup>.

Em trabalhos brasileiros, especialmente da primeira metade do século XX, observou-se que esse discurso mitificado em relação ao médico norueguês foi profundamente reconhecido e introjetado. O cientista Armauer Hansen foi aclamado como o responsável por abrir novas perspectivas para as vidas de milhares de enfermos. Em um significativo trabalho a respeito da

<sup>87</sup> LIE, H.P. *Op. cit.*, 1933.

<sup>88</sup> Sobre isso ver: VASOLD, Manfred. Als in Norwegen die Lepra grassierte. In: *Hoechst Seite*, n. 92, 1988; SPECKEMEYER, A. *Lepra – Aktuelle Anmerkungen zur Behandlung der Lepra*. Deutschen Aussätzigen: Hilfswerk e. V., Würzburg, 1990; HUNDEIKER, M.; BRÖMMELHAUS, H. Leprakranke in Deutschland und Einführung industriell hergestellter Lepramedikamente vor 100 Jahren. *Hautarzt*, n. 58, p. 899-902, 2007.

relevância da doença no Brasil à época, o médico Oscar Silva Araújo chega a caracterizar Hansen como “o papa da lepra”<sup>89</sup>. Outra obra fundamental sobre o assunto seria escrita por Heráclides Souza-Araújo. Em três edições contemplando os momentos colonial, monárquico e republicano do Brasil até meados da década de 1950, o autor escreveu o que se tornou um clássico em estudos históricos sobre o tema no país, chamado “*A história da lepra no Brasil*”. Nessa obra, que seguramente ressoou nos estudos históricos sobre o tema posteriormente, Hansen também é tratado como o precursor de uma nova era no estudo científico dessa enfermidade, bem como o maior ícone pessoal relacionado ao seu estudo em todos os tempos<sup>90</sup>. Um terceiro trabalho exemplifica de maneira ainda mais clara esse arraigamento da figura de Hansen como o “papa da lepra”. Gramont Gontijo foi interno da Colônia Santa Isabel, um leprosário situado na região metropolitana de Belo Horizonte<sup>91</sup>, e pouco antes de falecer resolveu escrever um livro contando detalhes sobre o cotidiano da instituição, segundo sua perspectiva de doente. Na obra, Gontijo também versa sobre a doença e o “descobridor” de seu agente causal, deixando claro que “se estou vivo nesse momento, é graças a Hansen, que dedicou sua vida para a cura dos leprosos”<sup>92</sup>.

Armauer Hansen findou sua vida na pequena cidade de Floro a 12 de fevereiro de 1912. Pouco antes de sua morte, atendendo a insistentes pedidos como ele mesmo revela, resolve escrever sua autobiografia com a ajuda de seu assistente e amigo H.P. Lie, e seguramente era consciente de seu papel histórico para a história da lepra. Contudo, não poderia afirmar que o norueguês tenha chegado a imaginar que a doença para a qual dedicou sua vida ganharia seu próprio nome, como ocorrido em vários países, inclusive no Brasil. O estudo da lepra, sem dúvida nenhuma, deve muito à esse cidadão de Bergen. Sua obstinação científica conseguiu fomentar a produção de conhecimentos técnicos sobre uma enfermidade tão singular, em um

<sup>89</sup> ARAÚJO, Oscar Silva. *O maior problema sanitário nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Ypiranga, 1932. p. 12.

<sup>90</sup> Ver especialmente: SOUZA-ARAÚJO, Heráclides C. *História da lepra no Brasil – período republicano 1890-1952*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956.

<sup>91</sup> Mais sobre a instituição, ver: BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Colônia Santa Isabel: a história de um estigma*. Monografia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / UFMG, Belo Horizonte, 2003.

<sup>92</sup> GONTIJO, Gramont. *Colônia Santa Isabel*. Betim, 1995, p. 23. O livro foi datilografado pelo autor com o auxílio de uma caneta, já que não mais possuía os dedos das mãos. A obra não foi editada oficialmente, sendo apenas reproduzida informalmente entre os ex-internos da Colônia, se constituindo num singular objeto histórico.

período histórico dos mais turbulentos cientificamente. Sua personalidade forte não permitiu que outras pessoas dividissem com ele os louros dessa empreitada. Seu legado histórico como ser humano, enfim, apresenta-se à comunidade científica afeita ao estudo da Hanseníase como profícuo tema de discussões e problematizações. Longe de pretender esgotar o assunto, este artigo pretendeu tão-somente salientar algumas peculiaridades da vida desse ser humano singular, que de fato merece ser reconhecido como um personagem científico de vanguarda do século XIX.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Oscar Silva. *O maior problema sanitário nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Ypiranga, 1932.

BEHELLI, L. M. Advances in leprosy control in the last 100 Years. In: *International Journal of Leprosy*, v. 41, n. 3, p. 285-297, 1973.

BECHLER, Reinaldo Guilherme. *Colônia Santa Isabel: a história de um estigma*. Monografia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / UFMG, Belo Horizonte, 2003.

\_\_\_\_\_. Muito mais do que isolamento em questão: ciência, poder e interesses em uma análise das duas primeiras Conferências Internacionais de Lepra – Berlim 1897 e Bergen 1909. In: *Temporalidades*, Belo Horizonte, 2, p. 175-201, 2009.

\_\_\_\_\_. *Leprabekämpfung und Zwangsisolierung im ausgehenden 19. und frühen 20. Jahrhundert: wissenschaftliche Diskussion und institutionelle Praxis*. Tese (Doutorado) – Philosophischen Fakultät der Julius-Maximilians-Universität Würzburg, Würzburg, 2010. Disponível em: <<http://www.opus-bayern.de/uni-wuerzburg/volltexte/2010/4537/pdf/Bechlerdoktorarbeit.pdf>>.

BLOM, Knut. Armauer Hansen and human leprosy transmission – medical ethics and legal rights. In: *International Journal of Leprosy*, v. 41, n. 2, p. 199-207, 1973.

BOURDIEU, Pierre. The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason. In: *Social Science Information*, v. 14, n. 6, p. 19-47, 1975.

BRANNIGAN, A. *The Social Basis of Scientific Discoveries*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

BROCK, T. *Robert Koch. A life in medicine and bacteriology*. Washington DC: American Society of Microbiology Press, 1999.

CUNNINGHAM, Andrew; WILLIAMS, Perry. *The Laboratory Revolution in Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

CZAPLEWSKI, A. Prof. Albert Neisser und die Entdeckung der Leprabazillus. *Archiv für Dermatologie und Syphilis*, n. 124. p. 513-530, 1917.

DANIELSEN, Daniel C.; BOECK, Carl. *Traité de la Spedalskhed ou Elephantiasis des Grecs*. Paris: J. B. Ballière, 1848.

DRAKE, Michael. *Population and Society in Norway 1735-1885*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

EDMOND, Rod. *Leprosy and Empire – A Medical and Cultural History*. New York: Cambridge University Press, 2006.

EVANS, A. Causation and disease: the Henle-Koch postulates revised. In: *Yale Journal of Biology Med.*, v. 49, n. 2, p. 175-95, 1976.

FELDMAN, W. H. Gerhard Armauer Hansen. What did he see and when? In: *International Journal of Leprosy*, v. 33, n. 3, p. 412-416, 1965.

FITE, George L.; WADE, H. M. The contribution of Neisser to the establishment of the Hansen bacillus as the etiologic agent of leprosy and the so-called Hansen-Neisser controversy. In: *International Journal of Leprosy*, v. 23, n. 4, p. 418-428, 1955.

FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

GRADMANN, C. *Krankheit im Labor – Robert Koch und die medizinische Bakteriologie*. Göttingen: Wallstein, 2005.

GUSSOW, Zachary. *Leprosy, Racism and Public Health: Social Policy in Chronic Disease Control*. Boulder: Westview Press, 1989.

HANSEN, Armauer. Bacillus Leprae. In: *Virchow's Archiv*, n. 79, p. 23-45, 1880.

\_\_\_\_\_. *Facultatives oder obligatorische Isolierung der Lepräsen*. In: Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im Oktober 1897. Bd. I, Berlin, 1897.

HANSEN, Armauer; LIE, H. P. *Die Geschichte der Lepra in Norwegen*. II INTERNATIONALE LEPRACONFERENZ, Bergen, 2: p. 314-340, 1909.

\_\_\_\_\_. Undersogelser angaaende Spedalskhedens Aarsager. *Norsk Magazin for Laegevidenskaben*, 1874, 9 (4): 1-88. Reprinted as: *Causes of Leprosy*. *International Journal of Leprosy*, 23 (3): 307-9, 1955.

\_\_\_\_\_. *The Memories and Reflections of Dr. G. Armauer Hansen*. Würzburg: German Leprosy Relief Association, 1976.

HOBSBAWN, Eric. *A era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

HUNDEIKER, M.; BRÖMMELHAUS, H. Leprakranke in Deutschland und Einführung industriell hergestellter Lepramedikamente vor 100 Jahren. *Hautarzt*, n. 58, p. 899-902, 2007.

IRGENS, Lorenz. Hansen, 150 Years after his Birth., the Context of a Medical Discovery. In: *International Journal of Leprosy*, 60 (3): p. 466-69, 1992.

LARSEN, Oivind. Gerhard Henrik Armauer Hansen Seen Through His Own Eyes – A Review of His Memories. In: *International Journal of Leprosy*, v. 41, n. 2, 1973.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 1998.

- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório*. A construção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- LIE, H. P. Why is leprosy decreasing in Norway? In: *International Journal of Leprosy*, v. 1, n. 2, p. 210-216, 1933.
- LORENTZ, M.; IRGENS, M. Leprosy in Norway: An interplay of research and public health work. In: *International Journal of Leprosy*, v. 41, n. 2, p. 189-198, 1973.
- MONTEIRO, Yara. *Da maldição divina a exclusão social: um estudo da hanseníase em São Paulo*. 1995. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- MUIR, Ernest; ROGERS, Leonard. *Leprosy*. Second Edition. Baltimore:Williams & Wilkins Co., 1940.
- NEISSER, Albert. Zur Aetiologie der Lepra. In: *Breslauer ärztliche Zeitschrift*, n. 1, 1879.
- \_\_\_\_\_. Weitere Bemerkungen zur Ätiologie der Lepra. In: *Virchow's Archiv*, 80, 1881.
- OBREGÓN-TORRES, Diana. *Batallas contra la lepra: Estado ciencia y medicina en Colombia*. Medellin: Banco de la República, Fondo Editorial Univerdidad EAFIT, 2002.
- PANDYA, Shubhada. The first international leprosy conferency, Berlin, 1897: the politics of segregation. In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, 10 (suplement 1), p. 161-177, 2003.
- STERNERSEN, Oivind; LIBAEK, Ivar. *The history of Norway: From the Ice Age to today*. Lysaker: Dinamo Forlag, 2003.
- SOUZA-ARAÚJO, Heráclides. *História da lepra no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956. (v. III – Período Republicano 1890-1952).
- SPECKEMEYER, A. *Lepra – Aktuelle Anmerkungen zur Behandlung der Lepra*. Deutschen Aussätzigen-Hilfswerk e. V., Würzburg, 1990.
- VASOLD, Manfred. Als in Norwegen die Lepra grassierte. In: *Hoechst Seite*, n. 92, 1988.
- \_\_\_\_\_. Rudolf Virchow und die Lepra in Norwegen. In: *Medizinhistorisches Journal*, v. 24, p. 123-137, 1989.
- VOGELSANG, M. The Hansen-Neisser Controversy, 1879-1880. In: *International Journal of Leprosy*, v. 31, n. 1, p.74-80, 1963.
- YOSHIE, Yoshio. Advances in the microbiology of M. Leprae in the past century. In: *International Journal of Leprosy*, v. 41, n. 3, p. 361-371, 1973.

### Fontes:

- Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Erste Sitzung*, Berlin, v. 2, 1897.
- Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Zweite Sitzung*, Berlin, v. 2, 1897.

Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Die Isolierung der Aussätzigen und die dazu erfolgreichen Maassregeln*, Berlin, v. 2, 1897.

Mittheilungen und Verhandlungen der internationalen wissenschaftlichen Lepra-Conferenz zu Berlin im October 1897. *Schlußforderungen*, Berlin, v. 2, 1897.

*Artigo recebido em 19/11/10.*

*Aprovado em 05/04/2011.*